

DE PASSAGEM

Passei os olhos uma primeira vez.

Passei os olhos uma segunda vez.

Passei os olhos uma terceira vez.

Dei comigo a fazer passagens sucessivas, quase infinitas, sobre estes dois projectos, tão singulares e individuais e ao mesmo tempo tão transversais entre si.

Gostei é a única coisa concreta que posso afirmar, tal como naqueles filmes que vemos duas e três ou mais vezes e de cada vez que vemos, ficamos mais encantados do que na anterior.

Estas coisas não se explicam, mas sentem-se.

Vistos e revistos, quase apetece dizer que estas fotografias “*De Passagem*”, são uma homenagem aos quase 100 anos do manifesto surrealista, que André Breton (1896/1966), fez publicar em 1924 e republicar com reajustes em 1930, qual golpe de estado poético do seu tempo, qual manifesto sempre actual da força e do vigor da fotografia, que tantos advogam nos tempos actuais como morta, ou pelo menos moribunda.

Só para lembrar, Breton, fundamentando-se em Apollinaire, fez surgir um novo conceito, nascido por dentro do movimento Dada, mas quase em oposição a este, que designou por *Surrealismo*.

Neste seu manifesto, falou de um movimento abrangente a todas as formas de expressão, dando muita ênfase ao papel do inconsciente no processo criativo e questionando o racionalismo no entendimento de tudo.

Para tal foram convocadas as teorias psicanalíticas de Sigmund Freud (1856/1939), que foram misturadas em proporções significativas com as interpretações marxistas em voga na altura, trazendo para esta nova forma de ver e de pensar, muitos dos ideais vigentes das correntes marxistas e comunistas da sua época. Coisas que hoje seriam entendidas como politicamente incorrectas, pois não são politicamente correctas, para os padrões de hoje...

Abordaram a produção criativa, com a mesma arte das interpretações socializantes para as novas sociedades do futuro.

Estava-se entre guerras, mas isso é outra questão que não quero aprofundar neste texto.

Com este convocar da história recente de há cerca de 100 anos, pretendo apenas deixar-vos um pequenino motivo da minha reflexão, sobre a leitura que faço dos trabalhos destes dois autores, destacando dos mesmos as pontes que lhes encontro com os surrealistas de um passado recente de *ontem*.

Os dois autores e nós, estamos a ser o presente e o futuro destes nossos avós surreais.

Se assim é e na minha modesta opinião, o que estas **Passagens** nos dão a ver, são uma homenagem festiva e subconsciente, embora muito, mas mesmo muito consciente, aos Guillaume Apollinaire's, aos Antonin Artaud's, aos Luís Buñuel's, aos Max Ernst's, aos René Magritte's ou aos Salvador Dali's, para além dos Man Ray's, dos Lazlo Moholy-Nagy's e dos portugueses Fernando Lemos e Alexandre O'Neill...entre tantos outros que se poderiam e deveriam estar a ser convocados para esta selecção.

Voltando às **Passagens** dos fotógrafos, **Fábio Miguel** e **Flávio Andrade**, olhem-nas bem e deixem que o vosso olhar se perca ao percorrê-las.

Deixem que este perder e divagar vos ponha algumas questões sobre os seus conteúdos, a(s) sua(s) poética(s), o seu vigor e as suas fragilidades aparentes, sobre as tensões e pulsões interiores que estas fotografias vos deixarão descortinar.

A mim, fazem vir ao de cima as dúvidas profundas que me ficam, quando escuto os arautos das imagens, a fazer ressoar as trombetas para anunciarem as mortes da Fotografia.

De alguns dos parágrafos dos textos que eles próprios escreveram sobre estas **Passagens**, apeteceu-me destacar palavras soltas, mas que pressinto coesas entre si e que me contam das *surrealidades* que subentendo por aqui andarem, pois delas retive poéticas e mistérios e construí esta interpretação para as suas fotografias quase indissociáveis, com as palavras que são deles.

tudo é profundamente abstracto...

passageiro, maravilhoso e assustador...

estrutura desconcertante e caótica...

lugar íntimo e denso, escuro e experimental...

pensamento...

caminho sem um fim à vista, frágil e obtuso...

fugaz.

Enquanto houver fotógrafos com esta capacidade de fazer e dar a ver, a Fotografia não morre,
RENASCE!

Obrigado a ambos por nos comprovarem isso.

José Soudo

25 de outubro de 2019